

*O Património musical das catedrais – o órgão e o fundo musical da Sé de Évora.*

Continua a faltar em Portugal um trabalho sistemático de levantamento exaustivo de fontes musicais relativas a repertórios, sobretudo posteriores a meados do século XVII. O investimento tem privilegiado o Livro Antigo e no que se refere aos fundos musicais portugueses concentra-se no período entre a Idade Média até cerca de 1600. Importa citar a este propósito a base de dados *online* PEM (*Portuguese Early Music Database*) que disponibiliza uma série de manuscritos musicais oriundos das principais instituições arquivísticas portuguesas, entre as quais se incluem as sés. Esta plataforma informática encontra-se em construção, tendo vindo a ser gradualmente enriquecida com novas digitalizações acompanhadas das respectivas descrições técnicas e codicológicas, encontrando-se ainda muito por fazer no que respeita à abrangência dos fundos musicais catedralícios. Importa todavia salientar que entre antifonários, santorais, graduais e livros de coro com polifonia, para citar apenas algumas espécies, dispomos já para estudo na PEM de uma série de digitalizações de manuscritos do Arquivo da Sé de Braga (Ms. 28, 32 e 34), um Antifonário dos finais do século XII na Sé de Lamego e dois Livros de Coro em polifonia dos séculos XVII e XVIII oriundos do Fundo Musical da Sé de Évora. Para além das existências na PEM, ressalvam-se vários trabalhos, muitos deles relacionados com essa plataforma informática, resultantes da investigação em musicologia histórica. Mencione-se, a título de exemplo, os Próprios polifónicos quinhentistas produzidos para a Sé de Braga (d' Alvarenga, 2002: pp. 35-87).

Em termos históricos, as sés, sedes bispais, dispuseram sempre de capelas musicais, cujo conjunto de músicos que as formava tinha por incumbência a prática oficiante da Liturgia, repartida entre a celebração da Missa e o canto quotidiano do conjunto das horas canónicas que constituem o Ofício. É pois natural encontrarmos ainda hoje nos arquivos das sés grande parte dos fundos musicais que serviram esses propósitos. Tal não se esgota obviamente no repertório oficial da Liturgia, havendo também aí toda uma série de manuscritos, códices e até impressos, essencialmente de música sacra, e ainda algum repertório profano. Desde já convém sublinhar a urgência em se proceder ao levantamento e descrição técnica desses fundos, por forma a podermos tomar contacto com a realidade específica do que foi a música no contexto das práticas catedralícias. A comparação de repertórios entre si, a identificação das especificidades locais em termos de cânticos, bem como o seu modo de circulação entre sés, constituem o conjunto de dados merecedores de aturado estudo musicológico. O cónego José Augusto Alegria (1918-2004) identificou existências musicais praticamente em todas as sés do país, tendo-se concentrado posteriormente no seu Alentejo natal, relativamente ao qual procedeu à catalogação, não só dos fundos musicais de Évora, entre os quais a Sé (Alegria, 1973<sup>a</sup>) e os Arquivo Distrital e Biblioteca Pública (Alegria, 1977), mas também de Vila Viçosa, nomeadamente a Biblioteca do Paço Ducal (Alegria, 1989). Mais recentemente, vários musicólogos têm, de forma pontual, abordado os fundos musicais das catedrais, merecendo destaque o levantamento da parte do espólio da Sé de Angra do Heroísmo.<sup>i</sup> Esta série de estudos

levada a cabo pela investigação musicológica, regista nomes de polifonistas portuguesas associados às diversas sés, como sejam os casos de Miguel da Fonseca (Sé de Braga) e Manuel Mendes (Sé de Évora) (d' Alvarenga, 2005: p. XV).

A especificidade da circulação da música, requerendo a cópia manuscrita, manteve-se em Portugal até muito tarde. Tal facto aponta para algumas situações de emergência no que toca à preservação, levantamento e descrição técnica dos documentos, agravada pelo desconhecimento geral no que respeita à natureza específica da notação musical. O período que medeia entre 1640 e 1834, balizado respectivamente pela Restauração e pelo final das Guerras Liberais, possui um património musical vasto, valioso e heterogéneo que, contrariamente ao que sucede na generalidade dos países europeus, é conhecido de forma fragmentada, o que impossibilita uma narrativa histórica integrada. Évora foi um dos principais pólos de actividade musical sacra do país, entre o século XVI e inícios do século XIX. A primeira catalogação dos fundos musicais de Évora foi realizada pelo Cónego José Augusto Alegria e publicada na década de 70 pela Fundação Calouste Gulbenkian (Alegria, 1973<sup>a</sup> e 1977). Na sua catalogação do fundo musical da Sé de Évora, Alegria procedeu à respectiva descrição sumária, estruturação e sistematização. O acervo foi dividido e organizado em grupos distintos, concretamente, «Livros impressos de polifonia», «Códices manuscritos», «Manuscritos avulsos», «Música profana instrumental impressa» e «Alguns *incipit* de anónimos». No final do estudo é ainda apresentado um «Índice de autores e obras», no qual Alegria identificou sumariamente os compositores, i.e., as

respectivas datas de nascimento e morte e os principais cargos tidos ao longo da vida. Esta catalogação constitui-se como suporte do estudo de enquadramento histórico sobre a actividade musical da Sé de Évora, desde o século XVI até inícios do século XIX, realizado na mesma altura por este estudioso (Alegria, 1973b). Dado o desenvolvimento natural da musicologia, a catalogação necessita no presente de ser completada, rectificada e discutida sob diversas perspectivas relativas à sua constituição física, atribuições de autoria, datação e inserção no âmbito das fontes em causa. Por sua vez, a natureza lacunar e incompleta da descrição técnica precisa também de ser adaptada aos critérios normativos em uso. Dados os avanços tecnológicos que a informática impôs, que se aplicam obviamente também à investigação científica, não podemos continuar a manter um acervo de semelhante riqueza patrimonial e o estudo que Alegria dele fez na clausura do seu suporte físico natural. É urgente a sua passagem também para o suporte informático, na mira de o disponibilizar à comunidade científica através de uma biblioteca digital. Recentemente, têm sido realizados estudos de musicologia subordinados a determinadas questões inerentes aos fundos musicais portugueses no período final do Antigo Regime (d'Alvarenga, 2011), nos quais a Sé de Évora também se encontra envolvida. Segundo a descrição das colecções de música portuguesas (fundos dos séculos XVIII e XIX) realizada por este musicólogo, são destacar, no que diz respeito às sés e à excepção de Évora, os arquivos das sés de Braga, Castelo Branco e Viseu e o Arquivo da Fábrica da Sé Patriarcal de Lisboa.<sup>ii</sup> Indirectamente ligados com o fundo musical da Sé de Évora, são

ainda de mencionar, em particular, os estudos sobre a Biblioteca Pública de Évora (Cranmer, 2005), sobre os circuitos de produção e circulação de música instrumental em Portugal -1750-1820 (Silva, 2008) e sobre a edição musical em Portugal na parte final do Antigo Regime (Albuquerque, 2004 e 2006).

Relativamente ao fundo musical do Arquivo da Sé de Évora podemos apontar algumas características patentes na catalogação de Alegria (Alegria, 1973<sup>a</sup>), que nos irão de certo ajudar a repensar a música instrumental no contexto litúrgico, em determinado tempo histórico, sobretudo a organística. Efectivamente, a maior secção, denominada *Manuscritos Avulsos*, refere-se a repertório musical sacro, grande parte litúrgico, de compositores portugueses ou activos em Portugal durante os séculos XVIII e inícios do XIX. Em grande parte das peças musicais aí constantes, de entre missas, salmos, *Te Deum*, responsórios, lamentações, rubricas para a Semana Santa, música mariana, hinos e rubricas dispersas, temos a presença do órgão como elemento essencial da prática musical. Seja acompanhando o coro, seja integrando o efectivo orquestral na execução de baixo contínuo nas peças coral-sinfónicas, o órgão é hoje, a este propósito, merecedor de uma reavaliação da sua contextualização em termos de execução prática. De facto, encontram-se por estudar os modos como, estrutural e estilisticamente, o órgão desempenhava os acompanhamentos e, muito importante, a relação dos instrumentos históricos existentes com as peças desses fundos catedralícios. Falamos da escolha dos registos <sup>iii</sup> durante a execução e das virtudes sonoras e tímbricas permitidas, quer pelo teclado de meio-registo <sup>iv</sup>, quer pelos registos

de trompeteria <sup>v</sup>. Tal é o caso do órgão da Sé de Évora, até porque se trata do instrumento mais antigo, ainda em funcionamento em Portugal.

Importa referir que a história do órgão é parte integrante da própria história da polifonia sacra em Portugal. Já no segundo terço do século XIV o *Livro das Kalendas* da Sé de Coimbra menciona um tal Estevão Domingues, mestre dos órgãos. Para lá da sua presença constante na vida musical portuguesa a partir de quatrocentos, com destaque para uma crescente afirmação também no âmbito cortesão, o órgão viria a ganhar um novo impulso entre nós, a partir de meados do século XVI, quer, por um lado, devido aos processos resultantes da afirmação da música instrumental, por outro do novo fôlego adquirido através da Reforma Tridentina. É então que o instrumento passa a ter um espaço próprio na prática litúrgica entre nós, seja acompanhando o coro no conjunto das diversas rubricas cantadas, seja tocando a solo fabordões, hinos, tentos e versos. Surgem então nos fundos musicais portugueses nomes de compositores organistas activos durante os séculos XVI e XVII como sejam, António Carreira, Frei Heliodoro de Paiva, Francisco Correia de Araújo e o Padre Manuel Rodrigues Coelho.<sup>vi</sup> Também a construção de órgãos se desenvolveu bastante a partir de quinhentos, sendo de mencionar em 1551 um *Summario* das actividades profissionais de Lisboa que registava a existência na cidade de três carpinteiros organistas. Na parte final do século XVI há referências a mestres organeiros em Portugal, como Lopo Gonçalves, Bento de Solorzano e Heitor Lobo, este último responsável pela construção dos órgãos de Santa Cruz de Coimbra e

da Sé de Évora. Importa desde já sublinhar que o órgão desta cidade alentejana é o único instrumento deste período que chegou aos nossos dias, embora com extensas modificações que alteraram a sua configuração original (Vaz, Paiva, d'Almeida, 1992: p. 35). É todavia apenas no século XVIII que a organaria em Portugal regista um impulso significativo, com um conjunto de construtores de renome europeu activos entre nós, como sejam os espanhóis Simão Fontanes e Francisco António Solha e o italiano Pascoale Caetano Oldovini. Destaca-se também neste período o maior organeiro português dos finais de setecentos e inícios de oitocentos, António Xavier Machado e Cerveira, autor, entre outros instrumentos, dos órgãos da Basílica do Palácio Nacional de Mafra (em conjunto com Joaquim António Peres Fontanes) e do órgão da Igreja Matriz de Ponta Delgada (Machado & Doderer, 2012, pp. 27-75).

No início do século passado, registava-se a existência na Sé de Évora de quatro órgãos (Vaz, Paiva, d'Almeida, 1992: pp. 34-41), formando dois pares, unidos por afinidades construtivas. Na actualidade apenas resta um instrumento, tendo um dos «gémeos» desaparecido aquando do restauro do monumento na década de trinta. Sabemos também que outro destes instrumentos se encontra actualmente nos Estados Unidos, nas mãos de um particular. Refira-se que o historial da organaria em Portugal e dos órgãos como elemento patrimonial reveste-se de uma série de particularidades que importa sublinhar. Por um lado são notórios os registos da desmontagem e transporte de instrumentos para outros locais, afastando-os do seu espaço de origem. Por outro, na situação contrária, a mais corrente, a fixação de um instrumento num templo

implicou a sua constante adaptação construtiva a outras solicitações musicais, tendo sido os instrumentos muitas vezes objecto de adulterações da sua configuração original, algumas delas em nada respeitando a arquitectura sonora e tímbrica de origem. Sendo o órgão da Sé de Évora, como atrás mencionado, o mais antigo actualmente em funcionamento em Portugal, temos referências à utilização deste tipo de instrumento nas práticas de *alternatim* já desde o século XIV (por *alternatim* entende-se a alternâncias entre secções corais e intervenções organísticas na execução musical litúrgica). Datado provavelmente de 1562, a ter em conta a data que surge inscrita no cadeiral renascentista que lhe está contíguo, encontra-se instalado na tribuna, junto ao coro alto. Pela sua concepção, é revelador de afinidades com a organaria italiana quinhentista. Julga-se que poderá integrar partes do material de um instrumento anterior, construído no mesmo local em 1544, relativamente ao qual é referida a participação do organeiro português Heitor Lobo (Vaz, Paiva, d'Almeida, 1992: pp. 34-41). As alterações mais significativas que o instrumento sofreu, foram realizadas cerca de 1760 por Oldovini, tendo o órgão sido dotado, não só de um someiro novo, como também de um teclado novo com um âmbito ligeiramente superior ao original. Mau grado todas estas modificações sofridas ao longo do tempo, o certo é que o instrumento manteve os tubos originais (facto a realçar), apenas tendo sido adicionadas as trombetas horizontais em finais do século XVIII. Durante o século XIX, sobretudo a partir de 1830, data da última intervenção sofrida, o instrumento entrou num processo de degradação constante, só vindo a ser restaurado em 1966 pela firma



holandesa Flentrop, a expensas da Fundação Calouste Gulbenkian, num trabalho que se pautou pela manutenção, tanto quanto possível, da configuração original do instrumento.

Da vasta geografia patrimonial portuguesa, Évora constitui, em termos musicais, um pólo nevrálgico que se encontra no presente em plena dinamização em termos de abordagem académica, em particular no que diz respeito ao estudo dos fundos musicais da cidade, com especial relevância para o da Sé. Trata-se todavia apenas de um dos tantos casos a merecer a atenção dos estudiosos. Na verdade, o exemplo de Évora deverá servir de mote a um trabalho alargado a todo o país que urge levar a cabo, pois só assim poderemos tomar conhecimento da riqueza intrínseca do património musical em Portugal.

---

<sup>1</sup> O fundo musical do Arquivo Capitular desta Sé, cujo levantamento e descrição foram realizados pelo musicólogo Luís Henriques, compreende cerca de cinco centenas de manuscritos dos séculos XVIII e XIX, constituídos por obras de compositores Portugueses, ou com actividade em Portugal, como José Joaquim dos Santos, Jerónimo Francisco de Lima, António Leal Moreira, Marcos Portugal, João José Baldi, José Maria Franchi, Francisco Norberto dos Santos Pinto, António José Soares, Giovanni Giorgi e David Perez. Entres estes manuscritos encontra-se uma colecção de três dezenas de livros de coro de cantochão da segunda metade do século XVIII, mandados realizar na ilha de S. Miguel para uso na Catedral. Existem ainda neste fundo seis impressos, três dos quais são livros de cantochão do século XVIII e três são livros de polifonia de autores portugueses, a saber o *Cantica Beatae Maria Virgine* (1607) e *Liber Missarum* (1621) de Duarte Lobo e o *Cantica Beatae Maria Virgine* (1613) de Manuel Cardoso. O fundo foi catalogado durante 2011 e 2012 tendo sido constituído um catálogo que aguarda publicação.

---

ii Segundo citação bibliográfica de d'Alvarenga, foram vários estudiosos a abordar a questão dos fundos musicais das sés de Portugal e as práticas musicais das respectivas capelas. Assim, para além dos estudos e levantamentos realizados por José Augusto Alegria no que se refere ao Alentejo, são de destacar também as obras seguintes: Manuel Lopes Simões, *A capela musical da Sé de Braga no arcebispado de Dom Gaspar de Bragança (1758-1789)*, dissertação de mestrado em Ciências Musicais. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992; Manuel Joaquim, *Nótulas sobre a música na Sé de Viseu*. Viseu: Junta da Freguesia da Beira Alta, 1944; importa ainda mencionar o seguinte endereço online referente aos arquivos das sés portuguesas associado à base de dados musicais internacional RISM (Répertoire International des Sources Musicales) - *RISM Online*. RISM Series A/II: *Music manuscripts after 1600* <http://opac.rism.info/index.php>. - Cf. João Pedro d'Alvarenga (2011) O património histórico-musical português de finais do Antigo Regime: principais fundos e problemas relevantes de preservação, descrição e estudo...

iii Por registo de um órgão entende-se uma fileira de tubos operada por um manípulo situado na consola junto ao executante. A existência de uma multiplicidade de registos num órgão resulta do facto de cada um deles se encontrar associado a um timbre determinado, o qual é resultado da configuração construtiva específica de cada registo em si. Por extensão, dá-se o nome de registos aos vários manípulos existentes na consola. Nos órgãos históricos, os registos pretendem normalmente imitar outros instrumentos musicais, a voz humana, ou âmbitos determinados. Por exemplo no órgão da Sé de Évora temos, entre outros registos, «Flautado de 24», «Voz humana» e «Quinta real».

iv O termo meio registo refere-se à configuração construtiva particular do órgão ibérico dos séculos XVI a XVIII. Associado a instrumentos de apenas um teclado, este encontra-se «partido» em dois, normalmente entre o Dó e o Dó sustenido centrais (dó1 e dó#1), cada uma das metades possuindo um conjunto independente de registos. Deste modo, o teclado de meio registo permitia uma grande riqueza tímbrica, uma vez que se poderia dispor de diversos timbres em simultâneo em oitavas diferentes. Para a história ficou o tento de meio registo como o género musical já especificamente organístico a explorar esta qualidade única do órgão ibérico.

v Os registos de trompeteria ou trombetas são um dos aspectos mais marcantes do órgão ibérico. Dispostos geralmente na horizontal por cima da consola em semi-círculo(s), estes tubos palhetados de forma cónica produzem um timbre incisivo, por vezes mesmo agressivo, tão caro à forma da *batalha* para órgão, evocadora, entre outros aspectos, das glórias passadas próprias ao processo da Reconquista.

vi A produção organística de António Carreira (c.1530-c.1594) tem constituído o objecto de estudo do autor do presente artigo. Tendo sido o primeiro organista

---

português de referência, a totalidade da sua produção para este instrumento encontra-se no Manuscrito Musical 242 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (P-Cug MM 242). Autor de tentos e fantasias Carreira começou a ser estudado por Santiago Kastner que identificou as suas obras no referido manuscrito. Posteriormente, o autor do presente artigo publicou vários estudos sobre Carreira (v. BIBLIOGRAFIA). Mencione-se ainda, na mesma fonte conimbricense, a presença de obras para órgão de outro compositor quinhentista português, Frei Heliodoro de Paiva. Quanto a Francisco Correia de Araújo e o Padre Manuel Rodrigues Coelho foram autores de obras fundamentais da literatura organística portuguesa seiscentista: Francisco Correa de Arauxo, *Libro de tientos y discursos de musica practica y theorica de organo intitulado Facultad Orgânica* [...], Alcalá de Henares, 1626 e Manuel Rodrigues Coelho, *Flores de Musica pera o instrumento de Tecla, & harpa* [...], Lisboa, Pedro Craesbeeck, M.DC XX.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Maria João Durães (2006) - *A Edição Musical em Portugal (1750-1834)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Imprensa Nacional Casa da Moeda.

ALBUQUERQUE, Maria João Durães (2004) - *As Fábricas de Música. A Edição Musical em Portugal nos finais do Antigo Regime*, [texto policopiado]. Évora: Dissertação de Mestrado em Música e Musicologia apresentada ao Departamento de Música da Universidade de Évora.

ALEGRIA, José Augusto (1973<sup>a</sup>) - *Arquivo das músicas da Sé de Évora: catálogo*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ALEGRIA, José Augusto (1973<sup>b</sup>) - *História da escola de música da Sé de Évora*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ALEGRIA, José Augusto, (1977<sup>a</sup>) - *Biblioteca Pública de Évora: catálogo dos fundos musicais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ALEGRIA, José Augusto, (1989) - *Biblioteca do Palácio Real de Vila Viçosa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

d' ALVARENGA, João Pedro, (2002) - Polifonia na liturgia bracarense: o *Liber introitus*, primeiro testemunho quinhentista In d' ALVARENGA, João Pedro - *Estudos de Musicologia*. Évora: Edições Colibri, pp. 35-87.

d' ALVARENGA, João Pedro, (2005) - *Polifonia portuguesa sacra tardo-quinhentista: estudo de fontes e edição crítica do Livro de São Vicente, manuscrito P-Lf FSVL 1P/H-6* [texto policopiado]. Évora: Tese de Doutoramento em Musicologia apresentada ao Departamento de Música da Universidade de Évora.

d'ALVARENGA, João Pedro, (2011) - O património histórico-musical português de finais do Antigo Regime: principais fundos e problemas relevantes de preservação, descrição e estudo In NERY, Rui Vieira (Coord.) *As Músicas Luso-Brasileiras no Final do Antigo Regime: Repertórios, Práticas e Representações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 61-75.

- 
- CRANMER, David, (2005) - Os fundos musicais In RUAS, João (Coord.) *Tesouros da Biblioteca Pública de Évora*. Lisboa: Edições INAPA, pp. 101-13.
- MACHADO, Dinarte, DODERER, Gerhard (2012) - *Inventário dos órgãos dos Açores*, Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores/DRAC.
- OLIVEIRA, Filipe Mesquita de (2012) - *Contributo ao estudo das obras para tecla atribuídas a António Carreira, «O Velho»*. Évora: Universidade de Évora-UnIMeM/FCT.
- OLIVEIRA, Filipe Mesquita de (2013) - Some aspects of P-Cug, MM 242: António Carreira's keyboard *tentos* and *fantasias* and their close relationship with Jacques Buus's *ricercari* from his *Libro primo* (1547) In WOOLLEY, Andrew & KITCHEN, John (Coord.) *Interpreting Historical Keyboard Music - Sources, Contexts and Performance*. Farnham: Ashgate, pp. 7-18.
- SILVA, Vanda de Sá Martins da, (2008) - *Circuitos de Produção e Circulação da Música Instrumental em Portugal entre 1750-1820*, [texto policopiado]. Évora: Tese de Doutoramento em Música e Musicologia apresentada ao Departamento de Música da Universidade de Évora.
- VAZ, João, PAIVA, Rui, d'ALMEIDA, Emanuel Santos (1992) - *Portugaliae Monumenta Organica - Órgãos de Portugal*, Lisboa: PolyGram/Seleções do Reader's Digest.